

Suicídio e a subjetividade em ruína: nexum, desejo e a falência simbólica

Suicide and subjectivity in ruins: nexum, desire and symbolic failure

Ulisses Alexandre Jadanhi [ORCID 0009-0000-4129-2001](#)

Psicanalista, Brasília-DF, Brasil. enlevo.brasil@gmail.com

PUBLICADO 31 AGO 2026

RESUMO

Este artigo propõe uma releitura clínica e metapsicológica do suicídio a partir da Teoria da Subjetividade Ético-Simbólica (TSES), centrando-se no conceito de Nexum: a atuação final de uma subjetividade cuja estrutura simbólica colapsou. Recusando tanto a patologização psiquiátrica quanto a moralização terapêutica, defende-se aqui que o suicídio não é um desejo de morte, mas o efeito da falência dos vetores que sustentam o desejo como inscrição simbólica. Por meio da articulação entre os seis vetores do desejo (propósito, pertencimento, singularidade, transcendência, utilidade e finitude elaborada) e as instâncias simbólicas da subjetividade (Éthos, Mnémethos, Anima Pulsa e Egos), delineia-se uma clínica da linguagem em ruína, na qual o analista é convocado a escutar não o que o paciente quer dizer, mas o que não consegue mais sustentar como significável. O Nexum é descrito como uma implosão subjetiva que escapa ao campo da transferência, exigindo uma escuta trágica, ético-simbólica, fundada na sustentação da ausência. Ao final, propõe-se que o suicídio, quando escutado fora da lógica da prevenção, revela-se como grito ético de um sujeito em ruína — não como falha clínica, mas como interrogação última sobre o lugar do Outro.

Palavras-chave: Suicídio; Nexum; subjetividade; Teoria da Subjetividade Ético-Simbólica; escuta clínica; ética.

ABSTRACT

This article offers a clinical and metapsychological reinterpretation of suicide through the lens of the Ethical-Symbolic Theory of Subjectivity (TSES), focusing on the concept of Nexum: the final act of a subjectivity whose symbolic structure has collapsed. Rejecting both psychiatric pathologization and therapeutic moralization, it argues that suicide is not a will to die, but rather the consequence of a breakdown in the symbolic vectors that sustain desire. Through the articulation of the six vectors of desire (purpose, belonging, singularity, transcendence, utility, and elaborated finitude) and the symbolic instances of subjectivity (Éthos, Mnémethos, Anima Pulsa, and Egos), the article develops a clinical model of language in ruins, in which the analyst is called upon not to interpret what the patient says, but to sustain what can no longer be said. Nexum is described as a subjective implosion that evades the field of transference, requiring a tragic, ethical-symbolic mode of listening, founded on the holding of absence. In conclusion, suicide — when listened to outside the framework of prevention — emerges as an ethical cry of a subject in collapse, not as a clinical failure, but as an ultimate question addressed to the place of the Other.

Keywords: Suicide; Nexum; subjectivity; Ethical-Symbolic Theory of Subjectivity; clinical listening; ethics.

NOTA EDITORIAL

Este artigo trata do suicídio em registro teórico e clínico. A editoria registra três observações de leitura.

1. O trabalho é de natureza teórica e clínica e **não constitui protocolo de prevenção nem técnica de intervenção**, como o próprio autor afirma em suas considerações finais. Seu objeto é a estrutura simbólica que antecede o ato, não o manejo de situações agudas.
2. A discussão sobre a posição do analista — em especial a crítica à escuta interpretativa e a proposição de uma ética da não intervenção — refere-se à **postura de escuta** no interior do dispositivo clínico. Ela não dispensa, nem pretende dispensar, as medidas de proteção indicadas em situações de risco iminente.
3. Leitores em sofrimento podem procurar o **CVV pelo telefone 188**, atendimento gratuito e sigiloso, disponível 24 horas, ou os serviços da **Rede de Atenção Psicossocial (RAPS)** do Sistema Único de Saúde.

1 Introdução: entre o grito e o silêncio

O suicídio, há muito capturado por discursos psiquiátricos, sociológicos ou morais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; DURKHEIM, 2000), permanece uma das experiências-limite mais opacas à clínica. Nas classificações diagnósticas torna-se sintoma; nos dispositivos de prevenção, organizados em metas e indicadores (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2014; BRASIL, 2019), vira número; na cultura terapêutica converte-se em tabu revestido de compaixão inócua. Mas há algo nesse ato que resiste à captura: não porque seja obscuro, mas porque carrega um excesso simbólico que as molduras clínicas contemporâneas não sabem sustentar. Este artigo propõe enfrentar esse excesso não com a intenção de decifrá-lo, mas de escutá-lo desde sua radicalidade estrutural.

A proposta parte de um deslocamento: compreender o suicídio não como expressão de uma pulsão autodestrutiva isolada (FREUD, 1996a), nem como fuga, mas como desfecho de uma falência estrutural da subjetividade simbólica. Essa falência não se limita ao registro do sofrimento psíquico; atinge os fundamentos do desejo enquanto vetor de inscrição no campo do Outro, lugar do simbólico em que o sujeito advém (LACAN, 1998a). É aí que se insere o conceito de Nexum, formulado pela Teoria da Subjetividade Ético-Simbólica (TSES), para designar o momento em que o sujeito, privado dos vetores que sustentam a linguagem do desejo, implode simbolicamente e atua o que já não pode significar.

Cabe uma precisão de estatuto: a TSES é formulação do próprio autor, desenvolvida em trabalhos em curso e ainda não exposta de modo sistemático em publicação anterior. Este artigo não a apresenta por inteiro — aplica-a ao suicídio. Seus conceitos devem ser lidos como quadro autorral em elaboração, não como corpo teórico estabelecido.

O suicídio é, em certas configurações clínicas, o gesto final de um sujeito cuja estrutura simbólica não colapsou repentinamente, mas se deteriorou numa trajetória marcada por fraturas nos vetores constitutivos do desejo. Quando esses vetores se desagregam, o sujeito não apenas sofre — ele deixa de poder significar o que sofre. Não se nega o sofrimento extremo que acompanha esses casos: propõe-se que o suicídio não é resposta à dor, e sim à ausência de campo simbólico onde a dor possa fazer sentido.

O artigo toma distância tanto da patologização da auto-destruição (CANGUILHEM, 2009) quanto da glamorização do suicídio como ato de liberdade, e sustenta uma escuta fundada na ética da falta: escutar não o que o sujeito quer dizer, mas o que não pôde mais sustentar como dizível. A pergunta que nos guia não é por que alguém deseja morrer, mas por que, em certas situações-limite, a vida deixa de poder ser significada como experiência simbólica — e o que a clínica pode, ou não pode, fazer quando se chega a esse ponto.

2 O Nexum: anatomia da aniquilação simbólica

2.1 O problema da nomeação diante do indizível

O ato suicida não diz apenas de uma desistência, tampouco se limita à expressão última do sofrimento psíquico. Ele evidencia, em muitas situações, o ponto final de uma trajetória em que a linguagem foi se desmanchando até tornar-se insuficiente para sustentar o desejo. O conceito de Nexum nomeia o que escapa tanto à nosografia quanto à clínica do significante: uma forma-limite da experiência subjetiva em que a linguagem deixa de operar como campo de elaboração.

O Nexum não é um evento abrupto, e sim o nome de uma degradação lenta da estrutura simbólica que sustenta a subjetividade. Sua construção conceitual emerge da escuta de sujeitos em colapso sem expressão — que não deliram, não negam, não resistem, não pedem; apenas deixam de simbolizar. Não há recusa à palavra, mas esvaziamento de seu poder de inscrição. Mais do que ato, o Nexum é uma estrutura: uma anatomia do fim. Não se reduz à intenção de morte nem à tentativa suicida — em alguns ca-

sos o suicídio sequer se consuma, e a estrutura já se apresenta marcada pela aniquilação do laço simbólico. A potência clínica do conceito reside aí: nomear o que acontece quando a vida deixa de poder ser sustentada simbolicamente, sem que isso se converta, ainda, em morte orgânica.

2.2 Etimologia e filiação simbólica do termo

No direito romano arcaico, *nexum* designava o negócio solene pelo qual o devedor vinculava a **própria pessoa** como garantia da dívida: não dava um bem em penhor, dava a si mesmo, e o inadimplemento o submetia ao credor em servidão por dívida — que a *lex Poetelia Papiria* viria a abolir (ALVES, 2010). A analogia não se faz com o contrato entre partes, mas com essa torção: aquele que deve é, ele mesmo, a garantia do que deve.

O Nexum, no plano clínico, nomeia isso — o sujeito que se tornou garantia de si mesmo diante de uma dívida que não pode ser nomeada nem quitada, porque é dívida com a própria linguagem, com a própria inscrição no campo do Outro (LACAN, 1998a). Não há terceiro a quem restituí-la nem instância que a remita, e o que resta dado em garantia é a pessoa.

Sua estrutura é marcada por três eixos simultâneos: o colapso do campo do Outro como lugar de escuta e significação; a retração dos vetores do desejo como operadores de sustentação subjetiva; e a adesão do corpo como superfície final de inscrição — não mais simbólica, mas operatória.

2.3 Diferenças em relação às categorias psicanalíticas clássicas

A distinção entre o Nexum e outras categorias da tradição psicanalítica — o *acting out* e a passagem ao ato (LACAN, 2005), a pulsão de morte (FREUD, 1996a) — se faz em quatro planos: o endereçamento ao Outro, a operação simbólica residual, o tempo do desejo e a posição do sujeito.

No *acting out*, o endereçamento ao Outro permanece presente, ainda que indireto; há operação simbólica, embora deslocada; o tempo do desejo está suspenso, mas não abolido; e o sujeito se preserva como apelo. Na passagem ao ato, o endereçamento se rompe, a operação reduz-se ao mínimo, o tempo do desejo cessa e o sujeito é expulso da cena. Na pulsão de morte, o endereçamento é abstrato e estrutural, a operação não é localizável, o tempo é repetitivo e o sujeito está imerso em compulsão. No Nexum, o endereçamento é inexistente, a operação simbólica está

anulada, o tempo do desejo encontra-se esvaziado e o sujeito reduz-se à operação.

Diferentemente das categorias anteriores, o Nexum não mantém nenhuma operação residual com o campo do Outro: a cena simbólica está encerrada, e o sujeito não busca reconhecimento nem efeito. Não se trata de uma "comunicação não verbal", como se o descreve quando lido como mensagem endereçada a um destinatário (SHNEIDMAN, 1996). O Nexum não comunica — ele dissolve a possibilidade da linguagem como operação de sentido.

2.4 O Nexum como colapso ético da inscrição subjetiva

Enquanto o *acting out* pode ser interpretado e a passagem ao ato pode ser simbolizada posteriormente, o Nexum exige uma ética de sustentação que antecede qualquer possibilidade interpretativa. Sua escuta não visa compreender: visa sustentar a presença analítica no vazio criado pela falência simbólica. A questão não é o que o analista pode dizer, mas o que ele pode não ocupar. Sua função é abdicar de toda tentativa de reinscrição rápida do sujeito no campo da fala, sob pena de repetir a violência simbólica que contribuiu para a retração. Interpretar demais é negar a profundidade do silêncio que se impõe; empatizar demais é capturar o sujeito novamente na trama narcísica do Outro (FREUD, 1996i). O Nexum convoca um analista não para intervir, mas para sustentar simbolicamente a ausência: estar ali como campo, e não como resposta.

3 Vetores do desejo e os caminhos da extinção simbólica

3.1 O desejo como arquitetura simbólica

Se o Nexum representa o colapso terminal da subjetividade, sua trajetória não é súbita nem puramente biográfica: é estruturada por um esgotamento progressivo dos operadores simbólicos do desejo — os vetores. A TSES propõe que o desejo não é impulso, nem carência, nem idealização: é um modo de inscrição do sujeito no laço com o Outro através de eixos simbólicos que o sustentam como presença significável no mundo. Cada vetor atua como ponto de ancoragem; sua presença não garante realização, mas estrutura a possibilidade de articular a experiência como algo com sentido, e sua falência gera não apenas sofrimento, mas a impossibilidade de simbolizá-lo.

A formulação dialoga com a tese lacaniana do desejo como efeito da falta e do sujeito dividido pelo significante (LACAN, 1998a, 1998b), mas desloca o acento: isola os eixos simbólicos cuja falência retira do sujeito a possibilidade mesma de desejar.

3.2 Propósito — a inscrição do tempo como possibilidade

O propósito não diz respeito a metas, objetivos profissionais ou projetos narráveis. Refere-se a uma estrutura simbólica do tempo na qual o sujeito se percebe inserido em um enredo possível, ainda que fracassado: não é o que se deseja alcançar, mas o reconhecimento de que há um futuro a inscrever. Na clínica, sua presença se manifesta quando o sujeito ainda projeta — "se eu conseguir sair disso...", "quando isso passar..."

Sua falência não se apresenta como desesperança, mas como redução do tempo ao agora suspenso (KEHL, 2009). O futuro desaparece não como angústia, e sim como irrelevância simbólica: não há amanhã porque não há mais cena onde ele possa fazer sentido. Nos casos de Nexum o colapso é radical — "amanhã é igual a ontem", "só quero parar de pensar". Esse esvaziamento do tempo simbólico é o primeiro sinal de colapso estrutural.

3.3 Pertencimento — a inscrição no campo do Outro

Pertencer, na lógica simbólica, não é ser aceito por um grupo nem amado por alguém: é estar localizado no campo do Outro — ser nomeado, convocado, escutado, incluído numa cadeia significativa que sustenta a existência como "alguém entre outros" (LACAN, 1998a).

Sua falência não é solidão: muitos sujeitos socialmente integrados estão, clinicamente, desinscritos. Ela se manifesta como sentimento de não mais caber na linguagem dos outros — não é estar só, é não ter mais um lugar onde ser escutado sem ser funcional. "Eu sei que me amam, mas é como se não fizesse diferença", "é como se eu fosse um intruso, mesmo entre os meus". O sujeito já não espera resposta porque a pergunta perdeu seu lugar: o laço está rompido não afetivamente, mas simbolicamente. A suicidologia nomeia fenômenos vizinhos — pertencimento frustrado, percepção de si como fardo (JOINER, 2005) —, mas como fatores de risco; aqui, trata-se da falência da operação que inscreve.

3.4 Singularidade — a inscrição como diferença desejável

Diferenciar-se não é ato da vontade nem escolha narcisista. A singularidade é a possibilidade de ser portador de um traço que não se reduz à função, ao ideal ou à performance: ser singular não é ser especial, é ser inscrito como diferença sustentada no desejo do Outro.

A falência se instala quando o sujeito se percebe não mais como diferença desejável, e sim como anomalia indesejada ou invisível. Produz dois efeitos complementares: a

anulação subjetiva, em que o sujeito tenta diluir-se, apagar-se, fundir-se a alguma norma; e a **hipertrofia compensatória**, em que exacerba características para recuperar alguma diferenciação que o reconecte ao Outro. Ambos indicam a mesma estrutura: não há mais lugar simbólico para o traço singular. No Nexum a falência é radical — apagam-se os contornos, a voz perde timbre, o corpo torna-se genérico. "Sou só mais um", "nem sei mais quem sou": não é baixa autoestima, é a implosão do vetor como eixo de desejo. A escuta exige que o analista sustente o campo não com reforços identitários — o que seria uma forma de violência —, mas com um silêncio que reconhece a ruína sem preenchê-la.

3.5 Transcendência — a inscrição em algo que excede o sujeito

A transcendência não se refere à espiritualidade nem à crença religiosa. É o vetor que organiza a possibilidade de o sujeito fazer parte de algo que o ultrapasse e dê à sua existência algum lastro de continuidade: a arte, o legado, o gesto ético, a construção de algo que sobreviva a si. Ele inscreve o sujeito no tempo como parte de uma cadeia, e não apenas como instante. Quando a transcendência opera, a morte é finitude; quando falha, a morte é dissolução.

Sua falência produz desorganização específica: não há sentido em prosseguir porque nada vem depois — nem memória, nem legado, nem rastro. É como se a vida não deixasse marcas e pudesse ser retirada sem alterar nada no campo do Outro. "Eu sumo e tudo continua igual", "é como se eu nunca tivesse existido". A escuta ética não deve responder com apelos ao sentido da vida: o analista escuta a ausência de posteridade como dor muda, que não pode ser simbolizada com esperança, apenas sustentada como ruína.

3.6 Utilidade — a inscrição como função desejada

A utilidade não diz respeito a desempenho, produtividade ou eficiência. É a experiência simbólica de ser necessário no campo do Outro — não pelo que se produz, mas pelo que se encarna como função de desejo. No início da vida inscreve-se no cuidado primário: o bebê é útil não porque faz algo, mas porque é investido como presença necessária; com o tempo, migra da biologia para a linguagem.

Sua falência não é a ociosidade: um sujeito pode estar hiperocupado e sentir-se inútil no plano simbólico. Ela ocorre quando o sujeito não reconhece em si nenhum lugar que, uma vez desocupado, faria falta. É a lógica da invisibilidade funcional — não a inutilidade objetiva, mas a sensação de que, se sumisse, nada se alteraria: "alguém

faria igual", "sou uma peça trocável". Terreno perigoso, pois a empatia do analista tenta resgatar o sujeito com reforços afetivos — "mas você é importante para...", "seus filhos te amam". Tais enunciados, mesmo bem-intencionados, confirmam a falência: não reconstituem lugar, apenas intensificam o abismo entre o enunciado e o que o sujeito vive. A escuta ética exige que o analista não reatribua utilidade, mas sustente a ausência como real.

3.7 Finitude elaborada — a morte como limite simbólico do desejo

Do ponto de vista simbólico, a morte é o que permite que o desejo se organize como tempo: dá ao sujeito o horizonte da incompletude, o contorno da urgência, a ética da escolha. Elaborar a finitude não é aceitar que se vai morrer — é reconhecer que o tempo da vida tem borda, e que essa borda exige decisões, narrativas, rupturas. O vetor permite nomear o fim como parte do desejo, o que aparece na capacidade de encerrar relações e aceitar perdas sem colapsar.

Sua falência produz o efeito contrário: a morte torna-se ou tabu absoluto ou solução onipotente, e em ambos os

casos sai do campo simbólico e entra como força opaca. O sujeito não deseja morrer, mas passa a conceber a morte como única forma de retomar o controle sobre o próprio tempo. No Nexum, a morte não é o horror — é o ponto onde o tempo se recompõe, ainda que como cessação: "pelo menos na morte eu decido", "quero dormir e não acordar mais". Não se trata de ideação suicida em sentido psiquiátrico — critério sintomático da nosografia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014) —, mas de reivindicação simbólica de limite onde o desejo já não pode ser elaborado. O analista é convocado não a salvar, mas a sustentar o colapso do tempo sem antecipar sua resolução.

Os vetores formam, em conjunto, a arquitetura simbólica da subjetividade. Não são garantias de saúde psíquica nem indicadores de ajustamento social: são os pilares do campo onde o sujeito pode inscrever-se, desejar, fracassar e recomeçar. Quando um ou mais colapsam e não encontram escuta, inicia-se a degradação que pode culminar no Nexum.

VETOR	O QUE INSCREVE	FORMA DA FALÊNCIA	CONSEQUÊNCIA PARA A ESCUTA
Propósito	O tempo como enredo possível: há um futuro a inscrever, ainda que incerto	O tempo reduz-se ao agora suspenso; o futuro some por irrelevância, não por angústia	Não projetar pelo sujeito; sustentar o tempo colapsado sem antecipar desfecho
Pertencimento	Um lugar no campo do Outro: ser nomeado, convocado, escutado entre outros	Não caber na linguagem dos outros, mesmo cercado de afeto e de vínculos	Não reafirmar laços existentes; escutar a desinscrição sem corrigi-la
Singularidade	Um traço irreduzível à função, ao ideal e à performance	Anulação subjetiva ou hipertrofia compensatória; o traço deixa de se sustentar	Não reforçar identidade; silêncio que reconhece a ruína sem preenchê-la
Transcendência	Pertença a algo que excede o sujeito e lhe dá lastro de continuidade	A vida não deixa rastro; a morte passa de finitude a dissolução	Não apelar ao sentido da vida; sustentar a ausência de posteridade como dor muda
Utilidade	Ser necessário no campo do Outro como função de desejo, não como desempenho	Substituibilidade total: nada se alteraria com o próprio desaparecimento	Não reatribuir importância; a garantia afetiva aprofunda o abismo que quer fechar
Finitude elaborada	A morte como borda que organiza o desejo no tempo e exige escolha	A morte vira tabu absoluto ou solução onipotente e sai do campo simbólico	Não ler como ideação psiquiátrica; escutar a reivindicação simbólica de limite

Tabela 1 — Os seis vetores do desejo na Teoria da Subjetividade Ético-Simbólica: o que cada vetor inscreve, a forma clínica de sua falência e o que daí decorre para a posição de escuta. A síntese condensa o argumento desenvolvido nesta seção; as colunas não constituem critério diagnóstico, escala de avaliação nem instrumento de rastreio.

4 Os corpos do Nexum: clínica da linguagem em ruína

4.1 O corpo como último operador simbólico

Desde Freud, o corpo sempre foi, na psicanálise, mais do que suporte biológico: superfície de inscrição, lugar de retorno do recalado, palco do sintoma (FREUD, 1996h). Nas configurações que desaguam no Nexum observa-se

outro estatuto: o corpo já não retorna como linguagem cifrada, mas como único resíduo simbólico após o colapso do desejo. Ele não comunica — evidencia que não há mais como comunicar. Cada forma descrita a seguir é uma topologia específica da falência, um modo pelo qual a linguagem, ao ruir, imprime seus restos na matéria viva. Não são categorias diagnósticas nem tipos clínicos: a psi-

canálise, para permanecer ética diante deles, precisa renunciar à compulsão classificatória.

4.2 Corpo melancólico

Este corpo não sente peso: ele é peso. Está tomado por uma inércia sem nome — não é dor, é densidade. Sua estrutura colapsou após a perda de um vetor crucial, geralmente pertencimento ou transcendência; mas, ao contrário do luto, que elabora a perda, a melancolia incorpora o objeto como ausência interna. Freud (1996e) descreveu o melancólico como aquele que sabe quem perdeu, mas não o que perdeu com o objeto — perda subtraída à consciência, que acaba por incidir sobre o próprio eu; a TSES amplia a formulação ao propor que o melancólico não perdeu um objeto externo — perdeu a função simbólica que o inscrevia no desejo do Outro. Este corpo não reage, não pede, não se move: é presença arruinada. "É como se eu estivesse morto por dentro", "estou aqui, mas já não sou mais eu". A escuta exige tempo não performático; o analista que se apressa em reanimar o sujeito aprofunda o colapso.

4.3 Corpo dissociado

Apresenta-se como conjunto de partes que não compõem imagem unificada. O sujeito fala de si em terceira pessoa, descreve sua dor com frieza, narra seu trauma sem afeto: não é recalque (FREUD, 1996h), mas separação radical entre experiência e significação. Emerge quando a singularidade colapsa precocemente e o pertencimento jamais se constitui de modo sólido — não podendo ser um entre os outros, o sujeito segmenta-se para sobreviver, e essa dissociação não é proteção, é ruína. "É como se eu visse tudo de fora", "parece que não sou eu vivendo". O risco é tentar unificar o sujeito rapidamente, o que equivale a impor identidade onde só há ruína: a escuta exige reconhecer a fragmentação como verdade estrutural, não como distúrbio a corrigir.

4.4 Corpo anestesiado

Diferente do dissociado, que se divide, o corpo anestesiado se apaga — não por recalque, mas por exaustão. Está presente, funcional, adaptado e vazio: não há desejo, revolta ou dor, apenas funcionamento mecânico. Instala-se quando utilidade e propósito colapsam de modo crônico: o sujeito cumpre funções sociais sem articulá-las simbolicamente, e nada disso o inscreve no tempo. A anestesia é a única forma de habitar o mundo sem que ele doa — e nesse processo o sujeito vai desaparecendo de si. "Não sinto nada há anos", "eu funciono, só isso". O desafio é

não tomar a anestesia como resistência ou adaptação: é colapso simbólico em modo suspenso, e o analista precisa escutar o vazio sem pressa de preenchê-lo.

4.5 Corpo autodestrutivo

É por excelência o lugar onde o Nexum ganha forma operatória. Não apenas sofre: atua contra si, sem apelo, sem gozo visível, sem espetáculo. Não é o corpo histérico que encena o drama, nem o perverso que extrai gozo do dano (LACAN, 1988; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001) — é o corpo em que o sujeito tenta fazer-se sumir, uma peça de cada vez. Emerge quando ao menos três vetores estão colapsados, em geral singularidade, utilidade e finitude elaborada. A dor não é evitada, mas convertida em ação silenciosa: cortes, privação, vícios ou riscos não são pedidos de socorro, e sim atos de esvaziamento da inscrição subjetiva. "Preciso parar de mim", "nem dói mais". O desafio é resistir ao imperativo interpretativo — explicar ou simbolizar o gesto pode funcionar como violência analítica.

4.6 Corpo sem ética

A ética, na TSES, não é sistema moral nem código de conduta: é a operação simbólica que ancora o sujeito à existência do Outro como limite. Quando esse eixo colapsa, o sujeito não perde o senso de certo e errado — desarticula a alteridade como parâmetro simbólico. O corpo sem ética age sem outro: fere, engana, transgride ou manipula, não por maldade, mas por colapso da inscrição do Outro como presença estruturante. É frequente em sujeitos com histórico de relações precocemente abusivas, marcadas por desamparo radical (FREUD, 1996c; FERENCZI, 1992) e falência de pertencimento e transcendência. "Eu faço porque posso", "todo mundo faria o mesmo no meu lugar". Esse sujeito pode ser visto como frio ou cínico, mas o que está em jogo não é estrutura perversa no sentido nosográfico (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), e sim a dissolução da ética como função simbólica: o desafio é sustentar a escuta sem identificação nem repulsa.

4.7 Corpo estagnado

Este corpo não quer morrer, mas também não vive: não atua, não deseja, não projeta. Há passividade densa, não histérica, mas letárgica — nem desespero, nem fluxo; é o corpo que não se move porque não tem para onde se mover. Decorre da falência do propósito aliada à perda da finitude elaborada: o tempo é plano, circular; não há narrativa, só repetição. "Tudo sempre volta pro mesmo lugar",

"não sei o que fazer e nem quero saber". Não é depressão funcional, e sim aniquilação do desejo como operador de deslocamento. Esse corpo não se destrói: ausenta-se por inanição simbólica. Tentar mobilizar o desejo é inócuo; o que se exige é presença no tempo suspenso da ruína.

4.8 Corpo espectral

Este é o corpo final: um corpo cuja presença não mais convoca o Outro. Pode estar entre muitos, pode sorrir, pode trabalhar — mas não está. É presença sem densidade, sem inscrição, sem expectativa: o corpo do suicídio iminente que ninguém percebe. Resulta da falência combinada de todos os vetores — não há mais tempo, lugar, voz, função, rastro ou futuro. O espectro é o sujeito já fora da linguagem, mas ainda na carne; o Nexum se cristaliza aqui, quando a vida não se retirou mas já não significa. As frases são raras: "já fui embora, só falta o corpo", "sou só presença". Se o analista escuta esse corpo, há ainda margem de sustentação, mínima mas possível. Não há o que dizer; só há como estar, porque qualquer excesso de linguagem dissolve o vínculo.

5 Falência das instâncias simbólicas: Éthos, Mnémethos, Anima Pulsa e Egos

5.1 Arquitetura simbólica da subjetividade e o conflito dos Egos

A arquitetura simbólica da subjetividade, no escopo da TSES, sustenta-se em quatro instâncias: Éthos, registro simbólico das determinações éticas do desejo; Mnémethos, organização da memória subjetiva; Anima Pulsa, vibração sensível e não representada do ser; e Egos, que se desdobra em dois eixos egóicos autônomos — o Ego Endógeno e o Ego Exógeno.

Essa distinção corrige a leitura que compreendia o ego como estrutura unificada ou bipartida, seja na segunda tópica freudiana (FREUD, 1996b), seja na oposição winnicottiana entre si-mesmo verdadeiro e falso si-mesmo (WINNICOTT, 1983). O Ego Endógeno constitui-se pela inscrição simbólica da presença no campo íntimo e no desejo ético, formado pela interiorização de vínculos fundantes, pelo corpo vivido e pela travessia silenciosa da linguagem antes da adaptação. O Ego Exógeno é a formação operativa da subjetividade diante do Outro social: dispositivo adaptativo moldado pela exigência de sobrevivência simbólica, aprovação e funcionamento em sistemas normativos. Ambos são egos, mas não partes do mesmo eu: são camadas independentes, com lógicas distintas, que podem coexistir em harmonia, tensão ou dissociação. A

falência subjetiva, portanto, não é homogênea — o Exógeno pode seguir operando enquanto o Endógeno colapsa, gerando sujeitos funcionais que internamente já não se reconhecem, ou colapsar enquanto o Endógeno resiste, criando formas de retração, silêncio ou delírio não comunicável.

5.2 Éthos — o eixo simbólico do valor de existir

O Éthos designa a instância que sustenta o valor do sujeito no campo do Outro — não como moralidade, mas como dignidade simbólica. É a operação pela qual o sujeito reconhece que sua existência tem lugar válido, mesmo na falta, mesmo no erro, mesmo no fracasso. Não garante autoestima nem otimismo: organiza o reconhecimento da própria existência como válida para além da utilidade ou da aprovação. Clinicamente, um Éthos operante permite que o sujeito deseje sem precisar merecer: ele falha, mas se retoma; perde, mas insiste; sofre, mas não se dissolve.

Sua falência manifesta-se como erosão do valor simbólico da existência. O sujeito não acredita ter lugar no mundo, não se sente digno de desejar, de ocupar espaço, de falhar: tudo em si é excesso, incômodo, dívida. "Só de existir, eu já atrapalho", "minha presença incomoda". É uma falência silenciosa — o sujeito muitas vezes não a diz, apenas se retira: cala-se, apaga-se, evita, cede. O analista que se posiciona como salvador pode reforçá-la, porque ao tentar resgatar o sujeito reconfirma o abismo entre o valor reconhecido e o valor vivido. A escuta do Éthos falido exige ética de presença, não de correção. O Éthos é a primeira instância a colapsar no Nexum profundo; quando falha, tudo se torna excesso — a voz, o corpo, o pensamento, o desejo —, e o sujeito passa a operar no modo da desistência muda que precede o ato.

5.3 Mnémethos — a memória como tempo subjetivado

A subjetividade não é apenas memória: é a elaboração simbólica do tempo vivido. O que define a experiência não é o evento, mas a possibilidade de inscrevê-lo, atravessá-lo, reposicioná-lo. Mnémethos é a instância que transforma a vivência em narrativa, a marca em significado, a lembrança em história. Não se trata de recordar, e sim de situar o vivido num tempo simbólico que possa sustentar o desejo. Quando opera, o sujeito nomeia, rememora, interpreta — e sobretudo sofre com densidade, porque há um tempo interno que organiza a dor. Quando falha, o tempo implode: o trauma não se reatualiza, repete-se como presença inassimilável, aquém da compulsão à repetição (FREUD, 1996a). Freud (1996g), em *Recordar, repetir e elaborar*, já anunciava que a repetição é o modo

como o sujeito se defende daquilo que não conseguiu recordar; a TSES avança ao propor que, no colapso de Mnémetos, não há mais repetição possível — há apenas retorno bruto daquilo que não tem forma.

Na clínica do Nexum, a falência assume duas formas. A **repetição sem inscrição**: o sujeito vive ciclos incessantes — relacionamentos abusivos, fracassos, recaídas —, mas nada se transforma em memória com valor simbólico. "Parece que eu não aprendo", "é como se tudo se apagasse e voltasse". E o **congelamento temporal**, fixação em um tempo paralisado, em que o sujeito vive como se um trauma não tivesse passado: "desde aquele dia, tudo parou", "fiquei naquele lugar, mesmo tendo saído". A memória não se historiciza; o passado invade o presente como cena não digerida. Não há narrativa — há *loop*; não há relato — há ruína.

Sem memória simbolizada não há elaboração; sem tempo interno não há projeto; sem narrativa não há identidade que se sustente. Isso desafia a lógica da análise: a escuta exige abandonar a cronologia terapêutica — não buscar progresso, *insight* ou linha do tempo, mas escutar a interrupção do tempo como real clínico. O analista sustenta a sessão como único lugar onde o tempo ainda pulsa, ainda que suspenso: a repetição do encontro e a constância da presença mantêm aberta uma fenda por onde o tempo do desejo talvez possa retornar. Onde não há dor simbolizada, o suicídio aparece como única forma de interromper o tempo insuportável que não passa — o Nexum, aqui, não é desejo de fim, é colapso da possibilidade de seguir.

5.4 Anima Pulsa — a vitalidade simbólica do desejo

A Anima Pulsa é a instância que converte energia pulsional em potência desejante, capaz de sustentar a inscrição do sujeito no mundo, no corpo e no laço com o Outro. É o batimento entre a carne e a palavra — a pulsação que permite que o desejo tenha corpo sem se tornar descarga. Diferentemente do conceito freudiano de pulsão, conceito-limite entre o somático e o psíquico cuja meta é a descarga (FREUD, 1996d), a Anima Pulsa não descarrega: ela pulsa, porque está sustentada por um campo simbólico que lhe dá forma. É o que permite o riso sem colapso, o choro sem diluição, o afeto sem *acting out*, mantendo o sujeito em tensão produtiva com sua própria incompletude.

Quando a instância colapsa, dois fenômenos podem ocorrer, frequentemente alternados. Na **letargia pulsional**, o desejo perde corpo: o sujeito apresenta-se apático, sem intensidade afetiva; não há tristeza, raiva, tensão ou medo, apenas existência desenergizada — "nada me afeta mais",

"é como se eu tivesse desligado". Na **explosão sem forma**, há pulsão, mas ela não encontra forma: a energia emerge como descarga, impulsividade, descontrole corporal, sem sujeito entre a pulsão e o ato — "quando vi, já tinha feito", "foi mais forte do que eu". Essas manifestações não são resistência nem defesa: são expressão direta da falência da Anima Pulsa como função de transdução simbólica da energia psíquica. Quando ela não opera, a pulsão não é mais transformada — é liberada ou negada. O desejo não pulsa: colapsa ou explode.

A Anima Pulsa também organiza a corporeidade do sujeito como lugar de desejo: um corpo em que ela opera não precisa se machucar para sentir nem se anestesiá-lo para suportar. Em falência, o corpo torna-se coisa, e o sujeito não se sente nele — carrega-o, arrasta-o ou ataca-o. Essa falência é frequente nos quadros que antecedem o Nexum e indica que o corpo já não sustenta o desejo e a linguagem já não sustenta o corpo. Resta silêncio ou grito — e, em ambos, o suicídio não é escolha, é cessação de uma pulsação que não encontra mais forma.

Frente a essa ruína, a escuta não deve buscar reativar o desejo: seria apressado e violento. O analista sustenta a presença como campo onde a pulsação possa reaparecer, ainda que mínima e errática. Mas nem sempre ela reaparece: em muitos casos o analista é convocado apenas a presenciar o esvaziamento pulsional, sem intervenção nem interpretação, porque qualquer tentativa de simbolizar o que o sujeito já não pode sentir gera mais retração. Sustentar essa falência não é desistir do sujeito — é não exigir dele uma pulsação que o campo simbólico já não comporta.

5.5 A falência dos Egos — interioridade e presença social em colapso

A falência simbólica, em sua radicalidade, não destrói o sujeito de forma unitária: desarticula os dois polos egóicos que sustentam sua presença no mundo. A do Ego Endógeno manifesta-se como ausência de interioridade simbólica — o sujeito não sente mais o mundo como algo que o convoca, não elabora vínculos, não se reconhece no tempo; a narrativa se quebra, o corpo se torna objeto, e o desejo desaparece não por recalque, mas por desligamento. A do Ego Exógeno aparece como colapso da presença social: o sujeito não opera mais funcionalmente, não sustenta identidade pública, não compreende os códigos da convivência — não há apenas desinteresse, há impotência adaptativa. No suicídio, frequentemente um dos egos falha primeiro e o outro se esgota ao sustentar sozinho a es-

trutura: "continuo fazendo tudo, mas não estou mais ali", "eu sou o que esperam, mas não sei mais quem sou".

A falência de Egos não é colapso narcísico, nem baixa autoestima: é a impossibilidade de sustentar-se como presença desejante diante do Outro. Percebe-se de duas formas. Na **presença fragmentária**, o sujeito aparece apenas por fragmentos — cada sessão, cada fala, cada gesto parece não ter continuidade; o sujeito surge, mas não permanece: "nada em mim dura", "eu falo, mas não me reconheço no que digo". Não há aqui divisão subjetiva no sentido psicanalítico clássico (LACAN, 1998a), e sim dissolução da unidade mínima necessária para se sustentar como presença. Na **ausência habitada**, o sujeito comparece, fala, escuta — mas está ausente. Não é recusa nem resistência: é esvaziamento da operação que dá densidade à presença. O analista sente o vazio não porque o paciente se retrai, mas porque não há mais ninguém ali que possa sustentar o laço: "sinto que não existo", "estou aqui, mas não sei pra quê".

Esse esvaziamento é o sinal mais dramático da aproximação do Nexum, que emerge quando nenhum dos egos consegue sustentar simbolização — quando o Endógeno já não inscreve e o Exógeno já não opera. Resta o silêncio, não como espaço ético, mas como desligamento da presença. Nesse ponto o analista precisa abdicar da escuta estruturada: não há mais transferência (LACAN, 1998b) nem significante privilegiado, há apenas ruína. O trabalho clínico, se ainda há, consiste em oferecer presença simbólica mínima — um nome, um horário, uma escuta não intrusiva — que sustente a possibilidade de que ainda haja alguém ali que possa desejar. O gesto não é terapêutico no sentido clássico; é ético no sentido radical: o analista torna-se operador de sustentação, não para que o sujeito retorne, mas para que, se quiser voltar, haja um lugar para onde voltar. Quando essa última instância cede, a linguagem se torna desabitada — há fala, mas sem sujeito; há gesto, mas sem intenção; há corpo, mas sem presença —, e o suicídio não é decisão, é consequência de um processo em que o sujeito já se foi antes de morrer.

6 Ética clínica na era do Nexum

6.1 A insuficiência da escuta interpretativa

O dispositivo clínico da psicanálise foi fundado sobre a premissa de que o sujeito é efeito da linguagem: um sujeito dividido, sustentado pela falta, cuja escuta e elaboração podem operar deslocamentos — premissa cuja formulação mais radical se encontra em Lacan (1998a, 1998b).

Esse modelo, potente e historicamente necessário, supõe um mínimo de presença simbólica estruturada — um sujeito que, ainda que fraturado, existe enquanto demanda.

O Nexum desafia essa lógica de modo radical. Não é fratura — é vácuo; não é conflito — é colapso; não apresenta demanda nem resistência. Nesse contexto, a escuta interpretativa se torna não apenas inócua: torna-se, por vezes, forma de violência estrutural. Interpretar alguém que já não se sustenta como sujeito do desejo é tomar a ruína como sintoma e, assim, reconfirmar a presença do que já não há. A ética clínica exige, portanto, um deslocamento do ato interpretativo para a sustentação da presença — e, muitas vezes, da ausência.

6.2 Escutar sem decifrar

O que fazer quando o sujeito não pede, não fala, aparece mas não deseja; quando o corpo é a única linguagem e a sessão é apenas silêncio? Nesses casos, o analista precisa renunciar à fantasia de cura. A escuta não visa transformação: visa sustentação. O lugar analítico torna-se campo ético onde o que resta do sujeito pode ainda encontrar, mesmo precariamente, um espaço onde não será interpretado, exigido, corrigido ou preenchido. É preciso sustentar o silêncio como forma legítima de fala; a presença como ato clínico suficiente; a ausência de desejo como discurso do real (LACAN, 1998b); e a não demanda como demanda negativa — a de não ser violado novamente. Esse tipo de escuta não se aprende em manuais: exige formação ética, política e existencial.

6.3 A clínica do Nexum como ética da não intervenção

A questão que atravessa a clínica diante do Nexum é: o que pode o analista quando o desejo faliu? A resposta, se queremos manter a dignidade simbólica da escuta, é que ele pode estar — e talvez apenas isso. Estar não como quem assiste a uma tragédia, mas como quem sustenta o último vestígio de campo simbólico onde o sujeito, se desejar, pode retornar, ou ao menos não ser expulso. Essa presença exige renúncias profundas: renunciar ao saber, ao efeito, à empatia compulsiva, à cura. Não se trata de indiferença, mas de uma forma radical de implicação. A escuta do Nexum exige que o analista não ocupe o lugar de Sujeito Suposto Saber (LACAN, 1998b), nem de salvador, nem de espelho: deve tornar-se presença simbólica mínima, campo onde o colapso pode ser escutado sem ser interpretado.

6.4 O analista como operador de espaço quando não há mais tempo

Na falência de Mnémethos, o tempo interno colapsa: o sujeito vive um presente eterno, ou um passado que não passa. O analista, então, não opera com o tempo — opera com o espaço. O consultório torna-se um lugar no sentido mais literal: onde o sujeito ainda pode existir sem ser exigido, falar sem esperar resposta, ser silêncio, ausência ou ruína. Esse espaço não é neutro; é profundamente ético, e sua força está em permitir que o sujeito, mesmo falido simbolicamente, não seja expulso da linguagem pela tentativa de trazê-lo de volta. É talvez a mais difícil das formas clínicas, porque não mobiliza contratransferência amorosa, nem interpretação brilhante, nem condução estratégica: exige do analista a coragem de sustentar o que já não fala, o que não deseja, o que está partindo. O que se escuta no Nexum não é o suicídio — é a retirada simbólica do sujeito da cena do desejo. O suicídio é apenas o ponto onde isso, finalmente, se torna visível.

7 Para além do suicídio: responsabilidade simbólica e ética política

7.1 O suicídio não é fuga: é falência de inscrição

A cultura contemporânea, em sua versão higienista e produtivista (HAN, 2015; DUNKER, 2015), insiste em traduzir o suicídio como falha do indivíduo, patologia, desajuste ou desvio. Há também sua versão romantizada — o último grito, o ato de coragem, o protesto contra o mundo. Ambas as narrativas apagam a dimensão simbólica do colapso subjetivo. O suicídio, tal como tratado aqui, não é escolha: é consequência estrutural de um processo de dissolução da possibilidade de desejar. Ao tratá-lo como ato voluntário, patologizado ou heroico, a cultura se protege da própria responsabilidade — a de ter se tornado campo simbólico hostil à inscrição de certas vidas. Suicidam-se, com frequência brutal, os que não cabem, os que não performam, os que já não suportam o desamparo sem linguagem (FREUD, 1996f). O Nexum é mais que destino clínico: é índice do fracasso coletivo em sustentar o campo simbólico da subjetividade.

7.2 A clínica como espaço de resistência simbólica

Nesse contexto, o consultório analítico torna-se um dos últimos espaços de resistência simbólica. Resistência não militante, mas simbólica: à lógica da aceleração, da cura compulsiva, da moralização do sofrimento. Sustentar alguém que já não deseja é um ato político; sustentar o silêncio como linguagem, o colapso como discurso e a au-

sência como forma de presença é manter aberta a possibilidade de que o sujeito, em algum momento, possa reescrever sua cena. Essa resistência é ética porque não promete solução: não propõe adaptação, propõe sustentação. O analista, neste modelo, deixa de ser terapeuta e torna-se guardião do campo simbólico — não salva, preserva a possibilidade de que ainda haja o que ser salvo.

7.3 A responsabilidade simbólica

Não há dever moral de impedir o suicídio, mas há responsabilidade simbólica de não apressar a morte pelo excesso de interpretação. O analista que interpreta sem escuta, que propõe sem presença, que convoca sem sustentar, não cura — contribui para o colapso. A clínica do Nexum exige um novo pacto ético: não atuar para resgatar, não intervir para corrigir, não construir sentido onde ele já se foi; apenas sustentar, escutar, suportar o que não pode ser dito, sem tentar fazê-lo falar. Essa é a responsabilidade mais difícil — renunciar ao lugar de quem resolve.

Considerações finais

O artigo propôs uma reconstrução teórico-clínica do suicídio a partir do conceito de Nexum, entendido não como ato, mas como expressão final da falência simbólica da subjetividade: não ruptura pontual, e sim processo lento de desinscrição do sujeito no campo do desejo, organizado pelo colapso dos seis vetores — propósito, pertencimento, singularidade, transcendência, utilidade e finitude elaborada — e pela degradação progressiva de quatro instâncias: Éthos, Mnémethos, Anima Pulsa e Egos.

Daí decorre uma releitura da escuta: frente ao Nexum, o analista não é intérprete de sentidos ocultos, mas presença simbólica mínima — quando não há mais desejo, a escuta não pode querer; quando não há mais palavra, não pode nomear; quando não há mais sujeito, o analista sustenta o lugar onde ele poderia, eventualmente, retornar.

Defendeu-se, por fim, que o suicídio seja reconduzido da cena privada ao campo da responsabilidade simbólica coletiva: a sociedade que transforma corpos em mercadorias, sujeitos em funções e tempo em capital (HAN, 2015; BIRMAN, 1999) é corresponsável pela falência das estruturas que sustentam o desejo. Este trabalho não oferece protocolo de prevenção nem técnica de intervenção: propõe um modo de escutar o colapso como linguagem em ruína que ainda exige resposta, mesmo que essa resposta seja o silêncio ético da escuta.

Declarações

Conflito de interesses. O autor é proprietário da revista e integra o quadro da instituição mantenedora; declara não ter participado de nenhuma etapa da decisão editorial sobre este trabalho.

Financiamento. A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

Uso de inteligência artificial. A revista não dispõe de declaração do autor; o manuscrito, do acervo, foi recebido pela direção anterior, que não a solicitava.

Ética em pesquisa. Artigo teórico, sem material clínico de pessoa identificável e sem produção de dados primários.

Nota editorial. O aparato bibliográfico foi construído pela editoria; a publicação desta versão foi autorizada pelo autor.

Referências

- ALVES, J. C. Moreira. *Direito romano*. 14. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2019.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DURKHEIM, É. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, S. *Obras completas: psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.
- FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.
- FREUD, S. A repressão (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996h.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996i.
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JOINER, T. *Why people die by suicide*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.
- LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Preventing suicide: a global imperative*. Genebra: OMS, 2014.
- SHNEIDMAN, E. S. *The suicidal mind*. New York: Oxford University Press, 1996.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

COMO CITAR

JADANHÍ, U. Suicídio e a subjetividade em ruína: nexum, desejo e a falência simbólica. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 4, n. 2, p. 38-49, 2026.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.